

MIRIAM BATUCADA: UMA MULHER DE MUITAS HISTÓRIAS

SANTHIAGO, Ricardo. **A história incompleta de Miriam Batucada**. São Paulo: Letra e Voz, 2024.

Julia Aleksandra Martucci Kumpera¹

O que a história de vida de uma cantora marginal, apagada da memória social, tem a nos dizer sobre o mundo da música e da indústria fonográfica brasileiras? Ricardo Santhiago responde magistralmente esta pergunta, guiado pela trajetória de Miriam Batucada - como era conhecida -, compondo um caleidoscópio de cantores(as), compositores(as), musicistas, produtores e empresários dos anos 1960 aos anos 1990. E, com isso, brinda o(a) leitor(a) com reflexões sobre fama, autoestima, relações interpessoais, sexualidade, saúde mental, entre outros.

Nascida Miriam Angela Lavecchia, filha de imigrantes italianos e crescida no tradicional bairro da Mooca, em São Paulo, foi uma menina travessa que desde cedo aprendeu a batucar com as mãos - sua marca pessoalíssima e que lhe rendeu o nome artístico. Da noite para o dia, literalmente, Miriam Batucada ganhou os palcos de programas de TV e os estúdios de empresas radiofônicas. Ela explodiu como uma grande novidade, mas o rompante durou pouco e as necessidades materiais não deixaram de existir. Ao longo de sua trajetória, Miriam batalhou incessantemente por espaço da indústria cultural brasileira, enfrentando com irreverência e criatividade inúmeras barreiras morais e sociais.

Autor dessa história sobre uma cantora paulistana, lésbica e possivelmente bipolar, Ricardo Santhiago é comunicólogo e historiador. Atualmente, é professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), onde coordena o Amabile - Arquivo da Memória Artística Brasileira e o Centro de Memória Urbana (CMUrb). Destaca-se como coordenador da Rede Brasileira de História Pública (RBHP), além de ser membro da Associação Brasileira de História Oral (ABHO), da qual foi vice-presidente (2020-2022) e é editor da revista homônima publicada pela instituição.

A obra reflete a atuação consolidada e comprometida de Santhiago no campo da História Pública. A despeito da plasticidade do termo, poderíamos



ESTE TRABALHO ESTÁ LICENCIADO COM UMA LICENÇA CREATIVE COMMONS - ATRIBUIÇÃO-NÃO COMERCIAL 4.0 INTERNACIONAL.

¹ Doutoranda em História - Universidade Federal Fluminense; E-mail: juliakumpera@id.uff.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8581-6169>.

afirmar que a História Pública se preocupa com renovar a produção do conhecimento histórico, de modo a atingir públicos mais amplos, de forma crítica e participativa. Nas palavras do autor, trata-se de um “dispositivo conceitual capaz de ajudar o historiador a enfrentar os desafios contemporâneos de sua atividade” (SANTHIAGO, 2018, p. 294).

A forma como o livro está escrito demonstra não só a sensibilidade de Santiago, atento às narrativas que lhe foram compartilhadas pelas diversas pessoas entrevistadas, mas também seu amplo conhecimento sobre a história da música brasileira. A história oral é central no desenvolvimento do livro, que mostra os (des)caminhos de Miriam Batucada pelo mundo artístico (nacional e internacionalmente), bem como os atravessamentos entre vida pessoal e vida profissional, o que Santiago já havia realizado anteriormente em seu *Solistas dissonantes: história (oral) de cantoras negras* (Letra e Voz, 2009).

O livro está dividido em duas partes. Na primeira, “Quebrando tudo”, conhecemos desde o entorno familiar de Miriam, ainda nos anos 1950-1960, até o ápice de sua carreira, no final da década de 1970. A artista cresceu em um bairro de imigrantes, no seio de uma família operária sem filiação prévia ao mundo artístico. Teve uma formação conservadora, nos moldes da moral católica do período e dos mandatos de feminilidade, que prescrevia papéis sexuais e sociais bem restritos às mulheres. O ideal da domesticidade (MELLO 2019), ainda não completamente desmantelado, pressupunha que o destino das mulheres deveria ser a maternidade e o casamento.

Ao longo dos capítulos, vemos os esforços empreendidos por Miriam Batucada para construir sua carreira profissional. Ela sonhava com gravar um disco solo, mas o máximo que as gravadoras lhe ofereciam era a gravação de compactos com uma ou duas canções. Também conheceu inúmeros(as) cantores(as) e compositores(as), com os mais diversos graus de fama, mas nunca conseguiu consolidar-se como artista de renome, embora fosse extremamente talentosa, salienta constantemente Ricardo Santiago. Infortúnios da vida e preconceitos com seu gênero e sua sexualidade foram barreiras constantes.

A artista teve que se reinventar diversas vezes, em busca de espaço na rádio, na televisão e nos palcos de boates e casas de show. Cantora, comedianta e *show woman*: Miriam se transformou, por necessidade, em uma multiartista, que cantava sambas, canções italianas, fazia paródias e performava atos cômicos. Ricardo Santiago nos lembra que “foi por meio de seu corpo que ela mediu - e sempre continuaria mediando - sua relação intensa e ambígua com o mundo” (p. 62).

Na segunda parte do livro, “De solidão também se morre”, o leitor e a leitora se deparam com o estreitamento das oportunidades de trabalho de Miriam e a conseqüente sensação de derrota da artista, frente à frustração de suas expectativas. A partir do final dos anos 1970, Miriam conseguiu algumas curtas aparições na televisão - como no caso do programa *Mulheres*, comandado por uma TV Tupi em crise - e nos palcos da cidade de São Paulo, onde decidiu se instalar definitivamente, após mais de uma década morando no Rio de Janeiro.

O período entre 1982-1983 foi uma exceção. Além de shows em casas noturnas, Miriam participava do júri de concursos artísticos e era convidada para entrevistas, programas de variedades e musicais em diferentes redes televisivas. Em uma São Paulo que fervilhava com as mobilizações sociais e políticas em prol da redemocratização, cenas artísticas alternativas ganhavam cada vez mais espaço. Neste contexto, Miriam se apresentou algumas vezes nos *talk shows* da conhecida boate de frequência homossexual *Nostro Mondo*, entre outras de público segmentado.

Miriam frequentou, mas sem fins profissionais, dois locais de sociabilidade lésbica que se transformaram em locais de referência na memória social dessa população: a boate *Moustache* e o *Ferro's Bar*. Porém, como afirma Santhiago, sua relação com ambos foi de “atração e repulsão” (p. 220). Isso porque Miriam nunca falou abertamente sobre sua lesbianidade, assim como a maioria das artistas naquele momento. Exceções à regra - que finalmente a confirmam - foram Leci Brandão e Angela Ro Ro, que ousaram abordar o assunto em jornais segmentados da imprensa alternativa.

Embora a obra não seja sobre a sexualidade de Miriam, é um fio que atravessa toda a narrativa. Sem a possibilidade de enunciar publicamente sua lesbianidade, sob o risco do expurgo familiar e da sanção midiática e empresarial, Miriam a experienciou de forma complexa e dolorosa. Um dos grandes amores de sua vida, com a jornalista Flaminia (um pseudônimo), foi vivido nos apartamentos do casal e de amigos, com a reprovação explícita da irmã, Mirna Lavecchia, que sempre a chamou de “amiga”.

Frente à sugestão maliciosa de uma jornalista do *Pasquim*, em entrevista com Miriam em 1986, que afirmava “estar na moda” ser homossexual, a resposta da artista é exemplar das interdições à lesbianidade:

Sou uma mulher que sempre trabalhou para batalhar meu espaço, meu pedaço. Então, porra, era muito malvista, mesmo que eu não trepasse com mulher nenhuma, eu agredia pela postura, pela minha independência. É mentira dizer que agora dá status ser homossexual, não mudou nada, as pessoas continuam terrivelmente preconceituosas (p. 243).

Nos últimos capítulos, Ricardo Santhiago deixa entrever que, com o passar dos anos, Miriam foi introjetando a hostilidade externa e as visões negativas sobre a homossexualidade e esta foi transformando-se em fonte de angústias. Somam-se a isso a falta de oportunidades profissionais e os seus problemas de humor - Miriam foi frequentemente retratada como uma pessoa de gênio difícil e com quem a convivência era complicada. O autor, com base nas entrevistas realizadas, chega a aventar a possibilidade de Miriam ter sido uma mulher bipolar ou ciclotímica, mas ela nunca foi diagnosticada.

Viveu os últimos anos reclamando da solidão, buscando companhia no cigarro e na bebida. As circunstâncias de sua morte e os singelos reconhecimentos póstumos de sua produção musical são mostras de uma história coletiva, compartilhada por mulheres que ficaram relegadas às margens. A frase final do livro arremata essa ideia de forma nua e crua: “Há sempre uma Miriam Batucada sendo morta” (p. 346).

Esta biografia não constitui uma história trivial de nascimento, vida adulta e morte, ainda que percorra estes três tempos. Leonor Arfuch afirma que a narrativa biográfica, ao entrelaçar história e ficção, cria um espaço intermediário, onde a identidade narrativa se forma através do relato. É neste processo que a vida se manifesta, podendo ser contada de várias maneiras. Ao contrário de tentar resgatar uma harmonia, a biografia é uma construção fragmentária do sujeito, afirma a autora. Ela se constrói pelas múltiplas vozes e experiências que se confrontam e se entrelaçam na narrativa (ARFUCH, 2010). Afastando-se da ilusão de produzir um relato enaltecido de uma figura artística, Santhiago anuncia, já na Introdução, que compreende a biografia como um combate, uma vez que se trata de uma “possibilidade de restituição da visibilidade e da dignidade pública a indivíduos atropelados pelas suas circunstâncias” (p. 26).

Vale ressaltar que a obra se baseia em profunda pesquisa documental. Além da realização de mais de oitenta entrevistas, foram consultados mais de uma dezena de acervos pessoais, institucionais e de jornais e revistas ao longo de cinco anos de pesquisa para a produção do livro. A partir desse rico material, que Santhiago mobiliza com maestria, foi possível reconstruir um cenário complexo de mais de duas décadas de história da música brasileira.

Ainda assim, o livro assume sua incompletude. Trata-se de uma história incompleta, primeiro, porque eventualmente o rastro das fontes se perde, dificultando o entrecruzamento de informações, devido à fragmentação que foi imposta à Miriam, “alguém que - sobretudo em razão de sua sexualidade - tendia a seccionar minuciosamente as suas áreas de convívio” (p. 26). Segundo, porque a memória da vida amorosa da artista foi guardada no

armário: as mulheres negam veementemente o envolvimento - apesar dos relatos de amigos - ou se recusam a falar sobre o assunto. Terceiro, em função da “política do esquecimento” que impõe um “silêncio de chumbo” sobre as relações entre mulheres (NAVARRO SWAIN, 2000, p. 15-18).

À guisa de conclusão, Ricardo Santhiago entrega um livro para um público amplo e não especializado, mas que não foge do rigor metodológico próprio ao ofício do historiador. Em tempos de profusão de *history makers* (FERREIRA, p. 101) que promovem discursos revisionistas e negacionistas da história, *A história incompleta de Miriam Batucada* é um exemplo de comprometimento do historiador com a divulgação do conhecimento e sua produção calcada na ética.

Assumindo uma “atitude historiadora” (MAUAD, 2018 *apud* ROVAI, 2020, p. 144), Ricardo Santhiago se apropria do passado como um material capaz de dar sentido ao presente e abrir horizontes de futuro. Por meio da trajetória de Miriam Batucada, o(a) leitor(a) tem a oportunidade de refletir sobre as “bordas culturais” (p. 249) que pessoas marginalizadas habitam, transitando entre as margens e o centro. E essa reflexão agora pode ser acompanhada pelas canções de autoria de Miriam Batucada, regravadas no CD que acompanha o livro, do qual Ricardo Santhiago foi diretor artístico.

Referências

ARFUCH, L. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

FERREIRA, M. Demandas sociais e história do tempo presente. In: VARELLA, F. et al (org.). **Tempo presente e usos do passado**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

MELLO, S. Lugar de mulher é onde ela quiser? Feminismos, domesticidade e conflito social no Brasil (1964-1990). In: WOLFF, C.; ZANDONÁ, J.; MELLO, S. (org.). **Mulheres de Luta: feminismo e esquerdas no Brasil (1964-1985)**. Curitiba: Appris, 2019.

NAVARRO-SWAIN, T. **O que é lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

ROVAI, M. História Pública: um desafio democrático aos historiadores. In: REIS, T. et al (org.). **Coleção História do Tempo Presente**: volume 2. Boa Vista: Editora da UFRR, 2020.

SANTHIAGO, R. História pública e autorreflexividade: da prescrição ao processo. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 286 - 309, jan./mar. 2018.

Recebido em agosto de 2024.

Aprovado em agosto de 2024.